



Revista **ALBIG/SC**



ACADEMIA DE LETRAS DE BIGUAÇU

ANO 1 - NÚMERO 2 – JUNHO 2021

www.academiadeletrasdebiguacu.com.br



Nesta edição

Páginas 11, 12 e 13

Entrevista com o escritor

William Wollinger Brenuvida

**Membro da Academia de Letras de
Biguaçu, cadeira 11**



Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Bigua%C3%A7u>

Palavras do Presidente da ALBIG:



Caros (as) leitores (as), a Academia de Letras de Biguaçu apresenta a 2ª edição da "Revista da ALBIG".

A revista tem como um dos objetivos ser um canal da Academia de Letras de Biguaçu com a população, buscando através de publicações trimestrais, oferecer entrevistas, trabalhos dos acadêmicos, assuntos relativos ao município de Biguaçu, etc.

No último dia 04 de junho, a Academia de Letras de Biguaçu realizou um belíssimo "Pedágio Literário", com a doação de livros para a população, incentivando a leitura no município. A ação foi totalmente gratuita, tendo contado com o apoio da Biblioteca de Santa Catarina.

No mesmo dia, a ALBIG promoveu a solenidade de Abertura do Ano Literário, posse de dois novos acadêmicos (José André Gesser e Sérgio Silva Schulenburg), bem como fez uma homenagem póstuma ao então Confrade Homero Costa Araújo, declarando vaga a cadeira por ele ocupada. No final da solenidade, homenageado com o título de "Amigo da Academia", o Jornalista Oreste Mello, "WebTV play" e a Rádio Biguaçu FM 98,3, em virtude ao apoio de divulgação que prestam em relação as ações promovidas pela Academia de Letras de Biguaçu.

Pedimos que o leitor possa compartilhar a revista com um grande número de pessoas, pois certamente terão um material feito com carinho, qualidade e muita informação.

A revista é para você leitor, então caso queira enviar sugestões, críticas, envie para o e-mail do editor: heliocab@gmail.com

Fatos e Fotos

O mês de junho foi muito especial para a Academia de Letras de Biguaçu, mais especificamente o dia 04/06/2021, quando ocorreu a Solenidade de Abertura do Ano Literário da Academia de Letras de Biguaçu, com a posse de dois novos acadêmicos, Sérgio Silva Schulenburg e José André Gesser e demais homenagens, conforme retratado abaixo:



Autoridades e Acadêmicos da ALBIG



Acadêmicos da ALBIG



Sérgio Silva Schulenburg recebendo o diploma do seu padrinho



José André Gesser sendo homenageado



Davi Nunes de Oliveira, Secretário de cultura, esporte, turismo e lazer de Biguaçu e o Vereador de Biguaçu Lucas Manequinha prestigiando o evento

Fatos e Fotos (continuação)



Anderson Back representante da Web TV Play de Biguaçu sendo homenageado



Acadêmico José Braz da Silveira prestando homenagem ao senhor Homero Costa Araujo, ex membro da ALBIG, falecido no dia 09/12/2020



Público presente no evento



Homenageados e autoridades presentes



Marne Klaine Ramos, representante da Rádio Biguaçu FM- 98,3, recebendo o Diploma Amigos da ALBIG, das mãos da acadêmica e fundadora da ALBIG



Acadêmico José Braz da Silveira recebendo o quadro com foto de ex presidente da ALBIG, gestão 2017/2020, das mãos do confrade Afonso Rocha

Fatos e Fotos (continuação)

Outro evento marcante, que também ocorreu no dia 04/06/2021, foi o Pedágio literário da ALBIG, com a distribuição gratuita de livros no centro de Biguaçu. Os livros foram doados pela Biblioteca Pública de Santa Catarina.



Presidente da ALBIG Fernando Henrique da Silveira organizando os livros para o Pedágio Literário



Acadêmico Celso de Souza participando e organizando o evento



Distribuição de livros nos carros na rua central de Biguaçu



Distribuição de livros aos transeuntes



Acadêmicos voluntários organizadores do Pedágio Literário



José Braz da Silveira distribuindo livros



Casarão Born, sede da ALBIG e palco do Pedágio Literário de Biguaçu



Leitor se beneficiando do evento literário



Colaboradora Fernanda Carla Kair da ALBIG e voluntária auxiliando no evento

Um pouco da história de Biguaçu

O município de Biguaçu teve início em 1748 com os imigrantes portugueses vindos do arquipélago dos açores e da ilha da madeira, que foram assentando-se no lugarejo denominado de São Miguel da Terra firme. Em 23 de janeiro de 1751, foi inaugurada a igreja de São Miguel Arcanjo. Embora de caráter temporário, a freguesia de São Miguel foi a capital da capitania de Santa Catarina no período de outubro de 1777 a agosto de 1778 quando os espanhóis ainda ocupavam a ilha de Santa Catarina.

Lideranças políticas de Biguaçu conseguiram em 1886 transferir a sede do município para Biguaçu, que ficou elevada à categoria de Vila. Em 1888, por decisão do governo da Província, a sede municipal voltou para São Miguel, vindo a ocorrer quase no final de 1889 devido à relutância dos vereadores.

Há algumas controvérsias quanto à origem do nome da cidade. Uma versão afirma que é de origem indígena, que significa “Biguá Grande”. Biguá é um pássaro aquático ainda hoje encontrado no rio Biguaçu. Já o padre Raulino Reitz (in memoriam) em seu livro “Alto Biguaçu” (1988), apresenta a versão de que o nome deve-se a uma árvore semelhante ao jambolão e chamada popularmente de “baguaçu”.

De tímida colônia agrícola a importante polo industrial da Grande Florianópolis, Biguaçu guarda a história, a cultura e as tradições dos antepassados, além de belezas naturais e muito charme à beira-mar.

O município de Biguaçu teve início em 1748 com os imigrantes portugueses vindos do arquipélago dos açores e da ilha da madeira, que foram assentando-se no lugarejo denominado de São Miguel da Terra firme. Em 23 de janeiro de 1751, foi inaugurada a igreja de São Miguel Arcanjo. Embora de caráter temporário, a freguesia de São Miguel foi a capital da capitania de Santa Catarina no período de outubro de 1777 a agosto de 1778 quando os espanhóis ainda ocupavam a ilha de Santa Catarina.

Por ato do conselho administrativo da província em março de 1833, a freguesia de São Miguel foi elevada à vila, e criado o município de Desterro (atual Florianópolis). A instalação do município de São Miguel ocorreu em 17 de maio de 1833. Face à decadência econômica, aos frequentes surtos de malária, e ao desmembramento de novas freguesias, São Miguel foi aos poucos perdendo seu prestígio.



Vista área de Biguaçu - Foto: Arquivo pessoal de Fernando Henrique da Silveira

Um pouco da história de Biguaçu (continuação)

No início da segunda metade do século XIX, surgiu na margem direita do rio Biguaçu, um povoado (atual cidade de Biguaçu) que aos poucos crescia face às terras férteis, ao trabalho dos colonos, da construção de uma igreja e um cemitério 1874, onde resultou na criação de uma freguesia em 19 de dezembro de 1882, chamada de São João Evangelista. *(Continua)*

Lideranças políticas de Biguaçu conseguiram em 1886 transferir a sede do município para Biguaçu, que ficou elevada à categoria de Vila. Em 1888, por decisão do governo da Província, a sede municipal voltou para São Miguel, vindo a ocorrer quase no final de 1889 devido à relutância dos vereadores.

Já no período republicano, João Nicolau Born conseguiu, junto ao governador do estado, a mudança definitiva da sede municipal de São Miguel para Biguaçu em 22 de abril de 1894.

Há algumas controvérsias quanto à origem do nome da cidade. Uma versão afirma que é de origem indígena, que significa “Biguá Grande”. Biguá é um pássaro aquático ainda hoje encontrado no rio Biguaçu. Já o padre Raulino Reitz (in memoriam) em seu livro “Alto Biguaçu” (1988), apresenta a versão de que o nome deve-se a uma árvore semelhante ao jambolão e chamada popularmente de “baguaçu”.

Atualmente, o jornalista da cidade Ozias Alves Júnior (JB Foco), através de uma pesquisa que contou com a ajuda do Professor Aryon D. Rodrigues, um dos maiores especialistas em Tupi-Guarani do Brasil, afirma que a origem do nome Biguaçu vem da Palavra “Guambygoasu” que significa “Grande Cerca de Paus” ou “Cerca Grande” (palavra de língua usada pelos antigos índios Carijós).

Fonte: Portal online Prefeitura de Biguaçu



Bandeira de Biguaçu



Brasão de Armas

Fonte das imagens da Bandeira e Brasão: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Bigua%C3%A7u>



Paróquia
São João
Evangelista
Biguaçu

Av. Rio Branco, 54 - Centro, Biguaçu
Expediente: Terça a Sexta – 08h às 12h / 13h30 às 17h30 - Sábado – 8h às 12h
secretaria@psje.org.br - financeiro@psje.org.br - administrativo@psje.org.br - (48) 3243-3130 -
<https://psje.org.br/>

TEXTOS DOS ACADÊMICOS DA ALBIG

A NATUREZA E O HOMEM

Carlos Antonio de Souza Caldas
Confrade ALBIG, Advogado e Conselheiro do CONEN
advcaldas@terra.com.br

Repensando fatos e histórias

No mundo terrestre atual, a natureza e o homem, devem estar em harmonia, e há momentos que existem situações em que encontram em grande conflito. Entretanto, esta relação não iniciou nos dias de hoje. No primeiro capítulo da Bíblia, Gênesis, está escrito que Deus criou o céu e a terra e, ao ver tudo que tinha realizado.

Ao longo do antigo Testamento, são narradas inúmeras ações do homem que contrariam a vontade de Deus, por sua vez, castiga o homem por meio do poder da natureza, provocando o dilúvio e desastres ecológicos e epidemias, na tentativa de corrigir ou guiar o homem para o caminho correto.

Deus criou o mundo da natureza como manifestação da sua alegria e, em seguida criou o homem "a sua imagem", mas este preferiu relacionar-se com a serpente, que faz parte da natureza, contrariando a vontade de Deus. Por outro lado, Deus procurou orientar o homem para o bem e sempre a serviço do próximo. Nessa narrativa, é cristalina a relação de poder que Deus tem como criador de todas as coisas, em seguida vem à natureza, sendo lembrada.

Mas chega a um ponto em que essa relação de poder parece sofrer transformações. Assim, o homem pesquisou a natureza por meio da ciência e desvendou as leis que a regem. Porém, se utilizando as leis da natureza, desenvolveu a tecnologia e passou a usá-la em benefício próprio.

Além disso, não só desenvolveu técnicas para destruir átomos e manipular cada molécula e átomo, como também mudou a composição da atmosfera terrestre fazendo uso dessa tecnologia, acarretando mudanças climáticas. Tudo isso em benefício do próprio homem, não parece que está se tornando mais feliz.

Algumas dicas que ajudam a preservar essa boa relação, também com o meio ambiente:

-Primeiro, captar água da chuva; segundo, habitue-se a separar o lixo; terceiro, seja um consumidor consciente; quarto, de preferência aos produtos locais e da estação, valorizando os produtos nacionais; quinto, não jogue pilhas e baterias no lixo comum; sexto procure espaço para plantar uma árvore, uma simples árvore contribui para a elevação da oxigenação; sétimo, não permita que o óleo das frituras seja jogado na pia; oitavo, ensinar as crianças a amar os animais, preservar as plantas e flores, reciclar o lixo e entender que a relação entre os seres humanos e a natureza deve ser de respeito; cuidado com alguns tipos de resíduos em decomposição.

Neste contexto da pandemia, algumas cidades de Santa Catarina, sofreram com mudanças climáticas muito intensas, Grande Biguaçu/SC e outras, foram assolados por tempestade, no momento que a população não estava preparada. Em tempo, lembramos da morte precoce do valoroso homem no último dia 02 de abril do amigo Ozias Alves Junior, deixa um legado de bons serviços prestados a querida cidade de Biguaçu/SC, E a vida segue sempre em obediência a Deus!

MINHA MORENA ROSA Cesar Luiz Pasold



Sem sombras, nem batons, sem arranjos capilares,
a minha Morena Rosa olha-me
franzindo sobrancelhas negras lindas,
em ritmo não de críticas, mas sim de aprovação
aos meus exercícios poéticos desprezíveis.
É que o seu amor por mim está demonstrado nos cuidados,
nos afagos quentes, nos dizeres queridos,
na "parceirice", na intimidade e
na publicidade de nossa relação, aqui e alhures.
Declaro-me, lacrimejante, seu amante,
e ao seu talante ela confirma amar-me
mais do que a si mesma.
Sorrio e com orvalho em meus olhos, beijo,
encantado, as suas mãos.

=====

A FUGA DO AMOR

Cesar Luiz PASOLD

Eu, culpado sou, porque descuidei do meu Amor.
Interrompi o seu cultivo, o seu culto, o seu ardor.
Sem consciência, estive ausente da real noção
sobre toda a sua ultra epistemológica dimensão.
Fugindo para a racionalidade, releguei-o ao plano inferior
julgando-me preparado para dar, à dor, a devida recepção.
Agora, curvo-me à tristeza por não ter atendido
à tua recorrente e sempre doce indagação:
-donde está o teu olhar à minh'alma e à sua cor?
Neste momento, quedo e choro, em imensa dor!
Mas, bem rápido, supero-me e volto ao meu Amor.

=====

Novamente!

Cesar Luiz Pasold

Tenho por ti uma multissecular
e fortemente inesgotável atração,
de forma irresistível vínculo mais e sempre
a tua alma azul e nobre ao meu pobre coração.

Vejo-nos em eras difíceis e primitivas
juntos conquistando espaços especiais,
exibindo em prosas nossa profunda emoção
sob estrelas em planos e perspectivas siderais.

Renascidos aqui como então e agora
fomos nos reconhecendo sem demora
sendo um par vivendo sentimentos sensacionais.

Pelo amor e pela paixão embalados
estamos aqui harmoniosamente ressuscitados,
conscientes, contudo, da inabalável temporalidade!

=====

Teimosia de velho

Por: Afonso Rocha *

Zeca do Canto, na verdade José Jesus de Freiras, também conhecido por JJJ, residia no canto da rua, daí vem a alcunha, era um paranaense que chegara a Florianópolis há mais de meio século. Por assim dizer, e sem favor para ninguém, já se considerava manezinho de gema.

A vida nunca lhe fora grata. Sem estudos, sem profissão definida, ia vivendo e trabalhando naquilo que lhe aparecesse. Uma vez, ajudava a fazer entregas de compras; outras, a lavar carros nas ruas; outras, a lavar piscinas particulares, e outras ainda como zelador em condomínios, mas o que gostava mesmo de fazer era de jardinar. Ultimamente era o que mais fazia e até já tinha uma "carteira" de clientes certos bastante significativa.

Apesar destes entreténs laborais, que lhe garantiam um sustento aprazível nos gastos da casa, Zé do Canto ainda comparecia nos finais de tarde, pontualmente, no clube do carteadado que funcionava no Jardim público da comunidade. Aí se encontravam outros, na sua maioria aposentados ou desempregados de longa duração. Funcionavam como família. Todos se preocupavam se algum ficasse doente ou atravessasse problemas fora do comum.

Desde que apareceu essa tal de pandemia, o grupo baixou de número drasticamente, estando reduzido, nos últimos tempos, a seis ou sete. Mas esses, resistentes da velha guarda, como se costumavam intitular, teimosamente, pelo menos duas a três vezes por semana, lá estavam eles sentados frente às mesinhas de concreto que a prefeitura instalara na praceta.

E esses seis ou sete da velha guarda não eram só resistentes; eram também teimosos, e muito, porque não acatavam os conselhos da vigilância sanitária nem da guarda municipal para ficarem em casa, para saírem somente em casos de extrema necessidade e mesmo nestes casos, tomando todos os cuidados sanitários, evitando, por precaução, os ajuntamentos sociais, lavando as mãos com álcool-gel e usando sempre máscara. Usar máscara até que usavam, mas mais como adereço facial e menos porque acreditavam na sua necessidade. Protegiam mais o queixo do que a boca e o nariz.

Então Zé do Canto era um rústico castiço e um abusador, sempre de cigarro fumegante no canto da boca, puxava a máscara pra o queixo e lá andava ele de trabalho em trabalho, de carteadado em carteadado, de ônibus, de bicicleta ou mesmo a pé.

O argumento deles era a de que, na fase de suas vidas, jogar carteadado e conviver com amigos e familiares era mais importante que tudo o resto. Mesmo sabendo que outros amigos ou conhecidos estavam a fazer a última viagem – para o hospital ou para o cemitério –, argumentavam que "se já se foram é porque estavam doentes".

A teimosia era tão forte que um dia a guarda municipal os escorraçou da praceta e ameaçou que caso voltassem, seriam multados.

No dia seguinte, voltaram. Em menor número, mas voltaram. Dois dias depois, já só vieram três.

Zé do Canto pergunta pelo Adélio. Ontem sentiu-se a tremer, com uma pitada de febre, foi à UPA e não mais o deixaram vir embora. Isso é coisa de estúpidos, comenta o Manel. Onde já se viu prenderem no hospital um homem por uma gripezinha. Pois é, resmungo o Adélio, entredentes.

Semana seguinte só compareceram o Adélio e o Manel. Voltaram novamente na semana a seguir, também só os dois.

Uns dias antes Zé do Canto sentiu uma tremedeira nas pernas, uns arrepios, um abafo no respirar e já não jardinou mais. Levaram-nos para o hospital. E por lá ficou, sem dizer adeus aos amigos da jogatina.

Escritor, editor e jornalista.
Ocupa a cadeira 07 da Academia de Letras de Biguaçu/SC
e a cadeira 21 da Academia de Artes, Letras e Ciências de Cruz Alta/RS.



TEXTOS DOS ACADÊMICOS DA ALBIG

O Circo

Celso de Souza – Cadeira 36 - ALBIG

*Tô tranquilo
Tô me sentindo à vontade
Tô tranquilo
Tô me sentindo à vontade
Por que
Porque tá chegando um circo
Na minha cidade
Tô tranquilo
Tô me sentindo à vontade
Tô tranquilo
Tô me sentindo à vontade
Porque tá chegando um circo
Na minha cidade
A primeira entrada
Vai ter que se minha
Que quero assistir
Por que quero assistir
Junto com minha gatinha
Tem palhaço e trapezista
E tem muitas atração bela
Quero sentar lá na frente
Para assistir com ela
Ela queria ir no circo
Já era um desejo antigo
Agora tá toda feliz
Que vai o Circo
Comigo
Tô tranquilo
Tô me sentindo à vontade
Por que tá chegando um circo
Na minha cidade*

O Céu e o Inferno

Hélio Cabral Filho – Cadeira 32 - ALBIG

O inferno

**Demonstre irritação e nervosismo;
Xingue, condene, julgue, se enfureça...
Com tudo, se atormente e se entristeça;
Reaja com maldade e com cinismo.**

**Diante da bondade, se aborreça;
Junto ao amor, demonstre ceticismo;
Na generosidade, o egoísmo;
Não se desculpe, não de compadeça.**

**Atue com vingança, iradamente
E, jamais, seja amável ou fraterno;
Seja injusto, cruel e indiferente.**

**Preserve tudo isso bem interno
E, assim, comprovará seguramente,
Que aí está o verdadeiro inferno.**

O céu

**Demonstre sempre generosidade;
Agradeça, elogie, se desculpe...
Se envolva, agindo em prol da caridade
E realize o bem, no bem se ocupe.**

**Procure combater desigualdades
E, contra as injustiças, sempre lute;
Respeite a todos, com sinceridade.
Jamais ofenda alguém, jamais machuque.**

**Que o amor no coração seja seu templo,
Cumprindo, com louvor, o seu papel,
Com boa ação, palavra e pensamento.**

**A tudo isso, enfim, seja fiel,
Assim, confirmará, com seu exemplo,
Que aí está o verdadeiro céu.**

Teimosia de um poeta

Hélio Cabral Filho

**Sou poeta, desconcerto,
Tudo desmonto e embaralho;
Se é pra dormir eu desperto,
Se é pra chorar eu gargalho.
Às vezes não faço o certo
E o que é certo, escangalho.**

**Não gosto de estrada reta,
Se a vida me mostra a seta,
Eu sigo por meu atalho.**

WILLIAM WOLLINGER BRENUVIDA Cadeira 11 - ALBIG

Informações pessoais e profissionais

Escritor catarinense, de raiz matrilinear barriga-verde a partir da memória milenar indígena, da travessia açórico-madeirense-continental lusa do século XVIII, e da imigração germânica do século XIX. Nascido aos 17 de junho de 1979, no planalto bandeirante, a descendência paterna legou traços da tradição italo-eslava oitocentista. Gancheiro, reside em Governador Celso Ramos (SC), desde novembro de 1998.

Doutorando (2019/2020/2021) e Mestre em Ciência da Linguagem, pela Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul (2018), na área de concentração em processos textuais, discursivos e culturais, com linha de pesquisa em Texto e Discurso (2018), é graduado em Comunicação Social – Jornalismo, pelo Centro Universitário Estácio de Sá Santa Catarina (2013). Especialista em Direito Processual Penal pela Universidade do Vale do Itajaí – Univali, em parceria com a Escola do Ministério Público de Santa Catarina (2008), é bacharel em Direito pela Univali (2005).

Exerceu função pública por muitos anos, como professor na rede municipal e estadual, coordenador de meio ambiente, diretor da vigilância em saúde e secretário de planejamento, bem como de comunicação em Governador Celso Ramos. Em 2021, é novamente Secretário Municipal de Comunicação. Foi assessor parlamentar na Assembleia Legislativa de Santa Catarina (2010-2011).

Jornalista sob o registro 5177/SC, assessorou os comitês de bacias hidrográficas dos Rios Tijucas-Biguaçu e Cubatão. Colunista de jornais regionais e correspondente, por um ano, do Jornal Graciosa Online, de Santa Cruz da Graciosa, Açores.

Voluntário, participou da instalação e construção da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) e da escola de educação especial em Governador Celso Ramos. Presente na primeira iniciativa de coleta seletiva do município, contribuiu em diversas ações socioambientais, entre as quais, o plantio de mais de 10 mil árvores na região. A implantação de modesta, mas significativa área de lazer no bairro de Canto dos Ganchos (Projeto Boa Praça) é um marco na reinserção de valores comunitários.

Diretor da Casa dos Açores de Santa Catarina foi responsável pela lei do patrimônio cultural, e da lei que instituiu o bordado do Crivo, como prática sociocultural em Governador Celso Ramos. Auxiliou na fundação do Coletivo Catarinense: Memória, Verdade, e Justiça - que subsidiou a Comissão Nacional da Verdade. Delegado na 1ª Conferência Nacional da Cultura (Brasília/DF - 2005), representando o Estado de Santa Catarina, é pesquisador com assento no Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC), e no Instituto de Genealogia de Santa Catarina (INGESC).

Membro das Academias de Letras de Governador Celso Ramos, de Biguaçu e de Nova Trento, publicou três livros literários, entre os quais “7 contos da resistência” (2012). Premiada pela União Baiana de Escritores com o 1º lugar no concurso internacional de literatura Professor Germano Machado (2014 - Poesia); com o 1º lugar no 8º concurso literário do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Elétrica de Florianópolis (Sinergia) (2014 - Conto); e 2º lugar no II Concurso Literário de Monte Alegre de Sergipe (2018 – Crônica), é membro-correspondente da Academia Cabista de Letras, Artes e Ciências do Estado do Rio de Janeiro, e foi indicado recentemente para membro-correspondente da Academia Gloriense de Letras, do Estado do Sergipe. Participou de trabalhos literários publicados em diversas antologias. Em 2019, e novamente em 2021, foi indicado a Academia Catarinense de Letras (ACL).

Sou membro correspondente de duas academias literárias. A Cabista de Letras, em Cabo Frio/RJ, e da Gloriense, no sertão nordestino de Sergipe.

Revista ALBIG: Sabendo de todo o seu trabalho literário, cultural, social, político... De todas essas referências, o que mais lhe entusiasma?

WILLIAM WOLLINGER BRENUVIDA: A palavra *entusiasmo* é muito atraente para um debate literário. Etimologicamente, entusiasmo, se reporta ao grego *enthousiasmós*, que significa *sopro divino*. Então, esse sopro divino que se traduz por estado de exaltação do espírito, esse ardor, que é essa coisa que nos move, pode também se manifestar, contemporaneamente, por inspiração. Observe que deslocamos o sentido, o fizemos circular, mas não o objeto. Ainda olhamos o objeto. As imagens são ambivalentes, elas nos causam inquietação porque o ato de ver sempre nos abrirá um vazio invencível. Também é outra forma de ler a metáfora. Metáfora no sentido grego, como transferência, e não apenas figura de linguagem.

Escrevo “por/com paixão”. Escrevo “com (e) por” entusiasmo/inspiração. Escrevo “a partir” (e não através). Para mim, algo deve causar estranhamento, inquietação, deve afetar. Escrever tem relação com o afeto, com a memória, com a prática social e linguageira. Tudo o que me/nos atravessa auxilia o/no processo da escrita. Aqui, neste espaço, eu falo da posição-sujeito de escritor. Quem nos lê, nesta entrevista, espera da gente uma fala, uma inscrição no espaço do discurso literário e cultural. Quem nos lê também imagina um William atravessado pela formação social e histórica, pela formação sociocultural que o constitui como escritor.

Vamos tomar como exemplo, o momento atual, da pandemia da Covid 19. Como os sentidos que circulam nessa pandemia afetam os escritores? Se já é difícil imaginar um profissional da área médica tendo que lutar, constante e diariamente com sua posição-sujeito médica, vamos dizer, que pede para intervir, para salvar a vida de outrem, e a mais das vezes essa intervenção recai no julgamento, na escolha de vida e morte, vamos nos colocar, também, no lugar das pessoas que passam fome, que estão doentes, que precisam se submeter a trabalhos e atividades que as expõe a qualquer tipo de risco à doença. Um escritor pode se inspirar nesse quadro social e político aterrador (para uns) para escrever, ou pode não escrever absolutamente nada, se resguardando ao sentido que o silêncio faz eco. O que não se pode fugir, jamais, é do peso que um momento como este, da pandemia, vai legar à humanidade.

O impacto psicológico, brutal, não apenas na classe médica e setores do atendimento à saúde, mas de qualquer ser humano, que assume, em determinada fase, a função de narrar. A posição-sujeito de escritor é tão perturbadora hoje, como foi para aqueles que escreveram no período de grandes conflitos bélicos, ou que enfrentaram o regime jurídico e institucional da Escravidão e tráfico negreiro, que vivenciaram as ditaduras militares na América Latina, os pogroms na Europa, o massacre e genocídio dos armênios, dos indígenas, e qualquer outra situação que demova o escritor de uma confortável condição já estabilizada. Escrever é esse jogo constante entre o que é real, e aquilo que se considera real. Uma incessante busca por inspiração/entusiasmo mesmo diante desse vazio invencível.

Revista ALBIG: Como é sua participação nas Academias de Letras que você está envolvido?

WWB: Sou membro de quatro academias literárias: Biguaçu, Governador Celso Ramos, Nova Trento e Parano-catarinense (no Planalto Norte). Também já fiz parte da Academia de Letras de Tijucas. Participo das atividades das Academias de Letras de Biguaçu e Nova Trento, que mantenho frequente contato, semanalmente por meio eletrônico (pandemia).

Já fiz parte, como secretário, da Academia de Letras de Biguaçu, e sempre sou convidado como orador, nos eventos da Academia de Letras de Nova Trento. Nas duas academias, participo das antologias de prosa e poesia. A Academia de Letras de Governador Celso Ramos, fundada em 2004, já foi muito atuante.

A Academia Parano-catarinense foi um esforço dos escritores do Planalto Norte Catarinense para agregar iniciativas culturais e literárias com escritores paranaenses. Com a pandemia, essa instituição não se reuniu mais. Já a Academia de Letras de Tijucas, que ajudei fundar, requer atravessar processo amplo democrático de reformulação.

Sou membro correspondente de duas academias literárias. A Cabista de Letras, em Cabo Frio/RJ, e da Gloriense, no sertão nordestino de Sergipe.

Revista ALBIG: Como e quando foi o seu início na literatura?

WWB: Fui alfabetizado muito cedo, e isso me permitiu acesso à leitura. Na casa de meus pais, o ato de ler é um hábito constante. Meus pais sempre leram muito, meus tios e primos também. Meus avós tiveram mais dificuldade de acesso à leitura, mas nunca faltou incentivo aos netos para estudar (e ler). Recordo que minha avó paterna aprendeu a ler e escrever tardiamente, na fase adulta, mas ela se sentava comigo para lermos juntos os cadernos da escola, da catequese. Foi com minha avó paterna que aprendi a memória da família, as narrativas que o avô dela fez da Itália para o Brasil, um sujeito muito culto, que lia em italiano exemplares de jornais e livros. Minha avó narrava aos netos, entremeando história e estória, e sou um escritor graças, também, aos esforços dela em narrar, em saber contar histórias/estórias. Leitura em casa jamais foi um tabu, fato que meu pai e tio colecionavam livros desde a década de 1960.

Na escola pública estadual em que cursei o ensino primário, ginásial e colegial, presenciei a construção e funcionamento de uma biblioteca. Nós éramos incentivados a ler e escrever, e por conta própria criamos atividades literárias como um grupo que trocava livros, e um jornal estudantil. A Literatura entrou muito cedo em minha vida para ainda hoje fazer sentido.

O William escritor vem desse processo de aprender-aprender o mundo. Apesar de escrever poesia e prosa ainda no ginásio, é na faculdade que esse processo vai aflorar. Todo bom escritor é também um bom leitor. Com mais de 500 livros lidos, além de artigos, monografias, dissertações e teses, sem deixar de lado os gibis, os cartoons, e as resenhas de filmes, ainda há muito por aprender.

Revista ALBIG: Como você vê o cenário literário atual em Santa Catarina e no Brasil?

WWB: Santa Catarina é um Estado muito atrasado no que diz respeito ao acesso à leitura, e isso se deve ao contexto de formação do ensino. Nossa presidenta de honra, a escritora e professora Dalvina de Jesus Siqueira, por ocasião de uma entrevista que me concedeu, para o Jornal Littera, em 2009, narrou sua trajetória na Educação. Contou como o Estado e a Igreja, por muito tempo, impediram o desenvolvimento da Educação em níveis Médio e Universitário em Santa Catarina. A faculdade de Direito, por exemplo, em Florianópolis, data da década de 1930, e ali somente estudavam os filhos da elite política. Quem não tinha interesse e acesso a Faculdade de Direito, e desejasse estudar, deveria migrar para o Rio de Janeiro e São Paulo.

Entrevista (continuação)

Em Santa Catarina nós temos instituições literárias muito distantes da população. É inadmissível que um aluno do Ensino Médio não saiba quem são os escritores de mais renome ou participação no cenário literário estadual e nacional. Penso que deva haver um novo gesto de leitura. Os nossos literatos não podem dar às costas ao povo. Também, as escolas, as secretarias municipais de educação devem realizar um esforço para levar as obras de nossos escritores para sala de aula.

Infelizmente, no Brasil, o quadro não é diferente. Os livros de autoajuda tomaram as livrarias e casas na mesma proporção que os desertos verdes, como chamamos a monocultura do *pinus eliots* e do eucalipto, extraídos para a confecção da celulose nas fábricas. Penso que a leitura deva ser diversificada e também crítica, deva ser plural como a Floresta da Mata Atlântica e a Floresta Amazônica. Temos muitos leitores de bulas de remédios no Brasil, e poucos leitores com capacidade crítica para se tornarem bons escritores.

Infelizmente, no Brasil, o quadro não é diferente. Os livros de autoajuda tomaram as livrarias e casas na mesma proporção que os desertos verdes, como chamamos a monocultura do *pinus eliots* e do eucalipto, extraídos para a confecção da celulose nas fábricas. Penso que a leitura deva ser diversificada e também crítica, deva ser plural como a Floresta da Mata Atlântica e a Floresta Amazônica. Temos muitos leitores de bulas de remédios no Brasil, e poucos leitores com capacidade crítica para se tornarem bons escritores.

A internet também nos impõe um desafio, bem como as novas materialidades digitais. O que se lê? Como se lê contemporaneamente? Há muito conteúdo bom na internet, mas geralmente é pago. Há muito conteúdo bom na internet, mas o abismo entre quem tem acesso à informática e quem não tem é imenso. Um aluno da periferia, em escola pública, não tem o mesmo acesso que um aluno de uma escola particular. Um celular geração X, abastecido com sistema Android, dependendo da versão instalada/suportada pelo hardware, não vai baixar os mesmos softwares que facilitam a leitura como em um celular Y, com sistema Apple, por exemplo. Sem contar que migrar da leitura de um livro para a tela de um celular, tablet e computador impõe também um desafio enorme dependendo da geração de leitores, ou para quem possui limitações físicas e intelectuais para se adaptar a essa nova roupagem.

O papel das Academias de Letras é também esse, de estimular a leitura e a escrita, mas não esquecer das materialidades digitais.

Revista ALBIG: Conte-nos um pouco sobre seus livros. Você tem algum preferido? Pode citar algum trecho ou alguma poesia publicada?

WWB: Somo até aqui cinco livros publicados, artigos, participações com capítulos, ensaios, poemas, contos e crônicas, textos publicados em antologias.

Publiquei "O menino e as estrelas", em 2003. A iniciativa veio por meio de uma publicação da jornalista Helen Francine, no jornal da Univali. A partir do incentivo das professoras Evelise de Almeida, Estanil Ouro Weber Imburgue e Dilsa Mondardo, e vai ser apresentado em 2001 ao conselho editorial da Univali pela mão do mestre Celso Leal da Veiga Junior.

Em 2007, publiquei "Luz lembrada: Jyoti", obra de cunho poético, prefaciada pelo mestre Celso Leal da Veiga Junior. Em 2012, surgiu "7 contos da resistência", uma ousada proposta de romance fragmentado, um quase-romance, uma outra forma de propor os contos. É tão difícil narrar aspectos e fatos da ditadura militar que a gente vai para o ficcional. Ainda que esse ficcional seja baseado em fatos. Há questões da (des)ordem do inenarrável, e com "7 contos da resistência" foi isso. A obra é prefaciada pela jornalista e escritora Helen Francine.

Depois, em 2018 escrevi um livro com amigos pesquisadores do Comitê das Bacias Hidrográficas Tijucas e Biguaçu, chamado "Projeto informar: tubarões e raias"; e em 2020 temos publicado "Para além do Crivo: circulação de sentidos na prática de mulheres em Ganchos/SC". Até aqui, esse trabalho do Crivo é meu mais importante trabalho.

O livro analisa a circulação de sentidos através das conversas, diálogos e gestos de interpretação realizados pelas criveiras da comunidade de Ganchos/SC. A análise, no campo teórico da Análise do Discurso pecheutiana, observa as noções de interdiscurso, pré-construído, memória discursiva e formações discursivas.

O Crivo é uma arte em bordado herdada de imigrantes açorianos e madeirenses que aportaram em Santa Catarina em 1748, e que se manteve em Ganchos/SC. Sua produção acontece em uma roda de criveiras que se reúnem sistematicamente e constituem nesse ritual, sua autoria, em uma prática discursiva de oralidade.

Além do ineditismo de documentos históricos pesquisados pelo jornalista e mestre em Ciência da Linguagem, o autor da obra considerou para a análise realizada, a imbricação material presente na roda que se tomou como objeto, procurando compreender os processos discursivos aí presentes.

Esta obra mergulha no sagrado feminino quando faz referência ao trabalho de mulheres que ainda resistem em suas práticas localmente. E realiza um périplo, bordejando a história pela historicidade, revelando fatos e peculiaridades das populações que ainda vivem no litoral catarinense após mais de 270 anos da chegada dos povoadores dos Arquipélagos dos Açores e da Madeira.

Revista ALBIG: Quais são os próximos passos literários do William Wollinger Brenuvida?

WWB: Fui indicado pela segunda vez, a uma cadeira na Academia Catarinense de Letras. A primeira vez ocorreu em 2019. É um círculo literário que respeito, por haver ali escritores de renome estadual. Se não der certo dessa vez, naturalmente vai acontecer para daqui um tempo. Gostaria muito de compor com esse seleto grupo de escritores, mas não tenho pressa. Espero, porém, contribuir com a história literária catarinense quando ainda eu tiver energia. O conhecimento é agregado, e ele somente é válido se compartilhado.

Publiquei "Para além do Crivo: circulação de sentidos na prática de mulheres em Ganchos/SC", em 2020, conforme o registro, o ISBN do livro, mas não consegui realizar um lançamento formal em razão do plano de contingência para o combate da pandemia da Covid 19. A meta é realizar uma festa para quando essa pandemia passar, lançando o livro. Mesmo assim, como o critério válido é a obra lançada, eu inscrevi "Para além do Crivo: circulação de sentidos na prática de mulheres em Ganchos/SC", no Prêmio Jabuti 2021, na categoria Ciências Humanas.

Venho participado de vários concursos literários, dentro e fora do Estado de Santa Catarina, e penso que o mais interessante vai ser reunir os melhores contos, crônicas e poemas e publicar ainda esse ano. Ainda vou pensar em como realizar esse trabalho.

Paralelamente, ao trabalho literário, eu continuo as pesquisas no doutorado estudando as práticas culturais e discursivas na Aldeia M'Biguaçu. O resultado vai sair na Tese, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Unisul (PPGCL).

Revista ALBIG: Sendo você um ativista no município de Governador Celso Ramos, quais seus planos para o futuro daquela região?

WWB: Por insistência e teimosia nós ainda chamamos essa cidade de Ganchos. No IBGE, nos documentos oficiais, somos gancheiros, esse gentilício prazenteiro tem relação com a caça às baleias, no passado colonial. Ganchos, por meio da Armação da Piedade, foi o maior e mais importante entreposto comercial e pesqueiro do Brasil Meridional. Ainda nas décadas de 1870 a 1940, Ganchos exportou madeiras, peixes e farinha de mandioca, recebendo em seu importante porto, navios da Loyd Brasileira. Esse importante passado, porém, mostra um município periférico, com dilemas periféricos.

Eu penso que a saída para essa grande crise humanitária que já é observada, está nos municípios pequenos, nas pequenas localidades. É pela borda, nos limites que as revoluções acontecem. Investimentos em Cultura, Educação e Esporte, em hábitos mais saudáveis, em parques e locais de integração da cultura e da natureza podem dar novos sentidos à vida em comunidade. Ganchos precisa voltar a ser Ganchos, e não Governador Celso Ramos. Governador Celso Ramos é um nome menor que nos atribuíram, forçosamente, sem consulta popular. Ganchos é o lugar das festas do Divino Espírito Santo, dos folguedos do Boi de Mamão, do Pau de Fitas e da Dança da Ratoeira. Ganchos guarda a memória ancestral dos Açores, dos indígenas e africanos, e de outras etnias que vieram para cá, na Pesca Artesanal, nas Rodas de Crivo, nas benzeduras. Ganchos é a lembrança do mar infinito. Governador Celso Ramos representa um lugar comum, igual a qualquer outro. Somente teremos um turismo com inclusão, desenvolvimento econômico, acesso à saúde e à educação de qualidade quando aprendermos com nosso passado.

Perguntas rápidas:

Referências literárias: Ailton Krenak, Clarice Lispector, Darcy Ribeiro, Eduardo Galeano, José Saramago, Kalil Gibran, Eni Orlandi, Machado de Assis, Michel Pêcheux, Milan Kundera, Raquel de Queiroz, Victor Hugo, Walter Benjamin.

Um lugar: Fortaleza de Santa Cruz do Anhatomirim, em Ganchos/SC.

Um momento: A (e)ternidade do vento que sopra antes da tempestade.

Uma memória (data especial): 16 de abril de 1984, passeata e comício pelas Diretas Já, no Vale do Anhangabaú, na Praça da Sé, em São Paulo.

Um sonho: Que possamos ter os olhos abertos e as mãos operosas a ajudar. Que a Democracia vença o medo, e a justiça e o amor voltem a desfilar nas ruas deste imenso país.

Uma frase: "O que dá o verdadeiro sentido ao encontro é a busca, e é preciso andar muito para se alcançar o que está perto." (José Saramago)

Entrevista (continuação)

Publicações de William Wollinger Brenuvida

Literária

1. BRENUVIDA, William Wollinger. **Feito à mão**. In: SILVEIRA, José Braz da. (org.). Biguaçu: Antologia 2020: Profissões tradicionais no ano em que o mundo mudou. Academia de Letras de Biguaçu. Despertando Talentos: São José, 2020.
2. BRENUVIDA, William Wollinger. **Outros detalhes**. In: SILVEIRA, José Braz da. (org.). Biguaçu: Encantos e Encontros. Academia de Letras de Biguaçu. Despertando Talentos: São José, 2019.
3. BRENUVIDA, William Wollinger. **Para além do crivo**: circulação de sentidos na prática de mulheres em Ganchos/SC. Editora Vivilendo. P. Alegre, 2020.
4. Participação no Conselho editorial da obra "No tempo da magia", da escritora catarinense Urda Alice Klueger. Palhoça, 2018.
5. BRENUVIDA, William Wollinger. **Ensaio sobre (I)migração**: os Wollinger. In: SILVEIRA, José Braz da. (org.). Biguaçu dos meus sonhos. Academia de Letras de Biguaçu. Despertando Talentos: São José, 2018.
6. BRENUVIDA, William Wollinger. **Em cada detalhe**. In: Entre Portas e janelas (antologia). Academia de Letras de Biguaçu (org.). Nova Letra Gráfica e Editora: Biguaçu, 2017.
7. BRENUVIDA, William Wollinger. **Sê (poesia)**. In: TELES, Fídias, et. al. Antologia Brasileira Diamantes V. Berthier: Passo Fundo, 2016.
8. BRENUVIDA, William Wollinger. **Biguaçu**: raiz antiga (antologia). In: BECKHÄUSER, Adauto, et. al. Academia de Letras de Biguaçu: Laços de memória. Academia de Letras de Biguaçu. Nova Letra Gráfica e Editora: Biguaçu, 2016.
9. BRENUVIDA, William Wollinger. **Sê (e outras poesias)**. In: Miniantologia. Associação das Letras. Impressul Indústria Gráfica: Joinville, 2015.
10. BRENUVIDA, William Wollinger. **O menino de Maragogi (crônica). Armação Grande (e outras poesias)**. In: Rede das Letras (antologia). Associação das Letras. Impressul Indústria Gráfica: Joinville, 2015.
11. BRENUVIDA, William Wollinger. **O melhor presidente que o Brasil não teve (crônica). Ebola (e outras poesias)**. IN: Saganossa: outras histórias. Associação Confraria das Letras. Impressul Indústria Gráfica: Joinville, 2015.
12. BRENUVIDA, William Wollinger. **A profundidade do ser**. In: BECKHÄUSER, Adauto, et. al. O sublime é ser (antologia). Academia de Letras de Biguaçu. Nova Letra Gráfica e Editora: Biguaçu, 2015.
13. BRENUVIDA, William Wollinger. **O ato de escrever (crônica). Sinestesia (e outras poesias)**. In: TELES, Fídias, et. al. Antologia Brasileira Diamantes IV. Berthier: Passo Fundo, 2014.
14. BRENUVIDA, William Wollinger. **Juvêncio Araújo Figueredo**. In: BECKHÄUSER, Adauto, et. al. Academia de Letras de Biguaçu: Quem são eles (antologia). Academia de Letras de Biguaçu. Nova Letra Gráfica e Editora: Biguaçu, 2014.
15. BRENUVIDA, William Wollinger. **A metáfora do amor (conto)**. 8º Conto e Poesia: concurso literário. Sindicato dos Eletricitários de Florianópolis - Sinergia: Florianópolis, 2014.
16. BRENUVIDA, William Wollinger. **Quem sou eu**. In: BECKHÄUSER, Adauto, et. al. Academia de Letras de Biguaçu: Quem somos nós (antologia). Academia de Letras de Biguaçu. Nova Letra Gráfica e Editora: Biguaçu, 2013.
17. BRENUVIDA, William Wollinger. **Para o repórter a guerra nunca acaba (crônica). A beira mar (poesia) e Crisálida (poesia)**. In: BECKHÄUSER, Adauto, et. al. Academia de Letras de Biguaçu: Fazendo história (antologia). Academia de Letras de Biguaçu. Nova Letra Gráfica e Editora: Biguaçu, 2012.
18. BRENUVIDA, William Wollinger. **Meu amor é o timão (crônica). Quase retrato (poesia)**. In: TELES, Fídias, et. al. Antologia Brasileira Diamantes III. Berthier: Passo Fundo, 2012.
19. BRENUVIDA, William Wollinger. **7 contos da resistência**. Univali: Itajaí, 2012.
20. BRENUVIDA, William Wollinger. **Saramago e a copa do mundo (crônica). Passagem (e outras poesias)**. In: TELES, Fídias, et. al. Antologia Brasileira Diamantes II. Berthier: Passo Fundo, 2011.
21. BRENUVIDA, William Wollinger. **Quando ela se move (conto). Legítima manezinha da Ilha (e outras poesias)**. In: BECKHÄUSER, Adauto, et. al. Academia de Letras de Biguaçu: os quinze anos (antologia). Academia de Letras de Biguaçu. Nova Letra Gráfica e Editora: Biguaçu, 2011.
22. BRENUVIDA, William Wollinger. **Passagem (e outras poesias)**. In: VIANA FILHO, Almir, et. al. O poder da palavra escrita (antologia). Associação de Artistas no Brasil (Artibra): Videira, 2011.
23. BRENUVIDA, William Wollinger. **Ganchos**: minhas raízes também estão aqui (**ensaio**). **Brisa suave de outono (e outras poesias)**. In: RAMOS, Donato, et. al. Prosa e Versos – Vol. 03 (antologia). Somar: Florianópolis, 2011.
24. BRENUVIDA, William Wollinger. **Que achas (e outras poesias)**. In: TELES, Fídias, et. al. Antologia Brasileira Diamantes I. Berthier: Passo Fundo, 2010.
25. BRENUVIDA, William Wollinger. **Ganchos**: minhas raízes também estão aqui. In: SIMÃO, Miguel, et. al. Santa Catarina meu amor (antologia). Academia de Letras do Brasil Santa Catarina. Nova Letra Gráfica e Editora: Blumenau, 2010.

Científica

1. BRENUVIDA, William Wollinger. **Uma Escola na Aldeia**: Desafios da Aldeia M'bya Biguaçu. 2021. Seminário Discurso, Mídia e Tecnologia (SEDISC V). (Doutorado em Ciência da Linguagem) – Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), Palhoça. 2021. No prelo.
2. BRENUVIDA, W. W.. **Para além do crivo**: circulação de sentidos na prática de mulheres em Ganchos (SC). In: Fábio José Rauen; Bazilio Manoel de Andrade Filho. (Org.). Coletânea de Textos do I Colóquio de Integração em Ciências da Linguagem da Unisul. 1 ed. Tubarão: Unisul, 2020, v. , p. 1-217.
3. BRENUVIDA, William Wollinger. **Entre o Discurso de Oralidade e de Escrita**: um discurso de contato do sujeito indígena. 2019. Projeto de doutorado. (Doutorado em Ciência da Linguagem) – Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), Palhoça. 2019.
4. BRENUVIDA, William Wollinger. **Para além do crivo**: circulação de sentidos na prática de mulheres em Ganchos/SC. 2018. 183 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Linguagem) – Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), Palhoça. 2018.
5. BRENUVIDA, W.W.; MARTINS, T.M.; TOMAZI, A (org.). **A importância dos elasmobrânquios para a qualidade dos ecossistemas marinhos a partir do conhecimento local**. Comitê Tijucas Biguaçu/3 de maio: Blumenau, 2018.
6. BRENUVIDA, W. W.. **De Ganchos à Governador Celso Ramos**: Memória e construção do lugar. In: Vera Lucia Nehls Dias. (Org.). Governador Celso Ramos: Dinâmicas e perspectivas. 1 ed. Florianópolis: Editora Insular, 2017, v. 1, p. 1-168.
7. BRENUVIDA, W. W.; MARTINS, T.M.; TOMAZI, A. L.; BAIERLE, E. R. M.; GOMES, A. **Restauração em Áreas de Preservação Permanente em cursos d'água e nascentes da Bacia Hidrográfica do Rio Tijucas**. In: Planejamento e Gestão Territorial. In: Restauração em Áreas de Preservação Permanente em cursos d'água e nascentes da Bacia Hidrográfica do Rio Tijucas In: Planejamento e Gestão Territorial.1 ed. Florianópolis: Insular, 2016, p. 239-254.
8. BRENUVIDA, William Wollinger. **GANCHOS/SC**: a mudança na denominação do município e o reflexo sobre a memória e o patrimônio histórico. In: ALVES, Joi Cletison (org.). **Colóquio NEA 30 anos de história**: preservando a herança cultural açoriana em Santa Catarina. Ed. Da UFSC: Florianópolis, 2015.
9. BRENUVIDA, William Wollinger. **Tortura como meio de prova e aspectos da lei 9.455/97**. 2008. 110 f. Monografia (Especialização em Direito Processual Penal) – Universidade do Vale do Itajaí (Univali), Biguaçu. 2008.
10. BRENUVIDA, William Wollinger. **O trabalho penal**: fator de autoestima, valorização e inclusão social do condenado. 2005. 82 f. Monografia (Graduação em Direito) – Universidade do Vale do Itajaí (Univali), Biguaçu. 2005.



William Wollinger Brenuvida

ACADEMIA DE LETRAS DE BIGUAÇU – Casarão Born, Praça Nereu Ramos, n. 160, Centro - Biguaçu - Santa Catarina
E-mail da Academia: academia@academiadeletrasdebiguacu.com.br - Fone: (48) 3285-8061 - (48)98457-8842

Presidente atual: Fernando Henrique da Silveira

Responsável pela montagem e diagramação da Revista ALBIG/SC: Hélio Cabral Filho – heliocab@gmail.com